

Unidos, como por exemplo os excelentes retratos que publicou de membros da família imperial. A maioria das numerosas ilustrações, porém, provinha de outra fonte. Não eram originais. Vivaldi fizera um contrato em Nova Iorque que lhe facilitava selecionar gravuras publicadas por periódicos americanos, quando lhe parecesse oferecerem interesse para o público brasileiro: paisagens, fantasias, cenas de costumes, episódios da guerra russo-turca que então lavrava nos Balcãs, etc. Adquiria, por pouco mais do valor do metal, os respectivos clichês e mandava escrever textos ou artigos adequados às ilustrações. Era, mais ou menos, o mesmo processo de que José Carlos Rodrigues, então refugiado nos Estados Unidos e mais tarde diretor-proprietário do *Jornal do Comércio*, se utilizava para editar o *Novo Mundo*. E também foi aplicado, posteriormente, pelos editores da *Mala da Europa*, revista impressa em Portugal, mas destinada ao Brasil. Nas páginas da *Ilustração do Brasil* colaboravam muitos dos escritores conceituados da época. Entre outros, Artur Azevedo, Franklin Távora, Machado de Assis, Joaquim Serra, Aquiles Varejão, Visconti Coaracy. Vivaldi empenhava-se em dar ao público culto uma revista interessante de alto padrão intelectual” (146).

Faltava à iniciativa de Vivaldi, em que pese suas inovações técnicas, o sal que as revistas ilustradas ofereciam, aquilo que está ligado ao conteúdo, e que foi o segredo do sucesso da revista de Agostini, por exemplo, e para apontar o que houve de melhor. Não se tratava, evidentemente, de proporcionar gravuras bem-feitas, ou não se tratava apenas disso: era fundamental que elas estivessem ligadas à realidade nacional, que o público se revisse nelas, encontrasse aquilo que desejava e que o interessava. Numa fase de agitação crescente, surgindo as grandes questões que abalariam o regime, discutindo-se problemas essenciais ou importantes, era preciso estender a influência e não limitá-la ao elemento culto, intelectualizado, afortunado. A iniciativa de Vivaldi não poderia encontrar base suficiente para durar; a experiência de Fleiuss, em fase anterior, de condições mais favoráveis e por processos sempre criticados, apesar de relativamente duradoura, provaria suas insuficiências e tivera de parar. A época pedia crítica, vibração,

(146) Vivaldo Coaracy: *Todos Contam Sua Vida. Memórias de Infância e Adolescência*, Rio, 1959, págs. 89/92. Corina de Vivaldi, filha de Carlos de Vivaldi, escreveu nos periódicos dirigidos pelo pai, a *Ilustração do Brasil* e o *South American Mail*, e dirigiu a *Ilustração Popular*; colaborou na *Folha Nova*, de Manuel Carneiro, e na *Gazetinha*; foi redatora, em 1888, do jornal de José do Patrocínio, a *Cidade do Rio*, e, depois, fez crônicas para o *Correio do Povo*, de Alcindo Guanabara, e no *País*. Seu marido, Visconti Coaracy, colaborou no *Correio Mercantil*, trabalhou em *A Nação*, *Gazeta de Notícias* e *Jornal do Comércio*; dirigiu a *Gazetinha* e fundou *O Folhetim*; colaborou depois no *Mosquito*, no *Figaro*, no *Mequetrefe*, na *Revista Ilustrada* e, depois da República, no jornal monarquista de Carlos de Laet, *O Brasil*.